



INSTITUTO PIAGET

Campus Académico de Vila Nova de Gaia
Escola Superior de Educação Jean Piaget – Arcozelo
(Decreto-Lei n.º 468/88, de 16 de Dezembro)

Mestrado em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico

Metodologias de Acção Educativa e Projecto

OFICINA DE MÚSICA

“Todos podem aprender ...”

Ana Maria Silva Ribeiro Coelho
Diana Raquel Jesus Vieira
Maria Goretti Batista Santos
Raquel Maria Monteiro Gomes

Fevereiro, 2011



INSTITUTO PIAGET
Campus Académico de Vila Nova de Gaia
Escola Superior de Educação Jean Piaget – Arcozelo
(Decreto-Lei n.º 468/88, de 16 de Dezembro)

Mestrado em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico

Metodologias de Acção Educativa e Projecto

OFICINA DE MÚSICA

“Todos podem aprender ...”

Docentes: Alcina Figueiroa e Artur Vieira

Discentes: Ana Maria Coelho - 38377
Diana Vieira - 37561
Goretti Santos - 38298
Raquel Gomes - 38368



INSTITUTO PIAGET

Campus Académico de Vila Nova de Gaia
Escola Superior de Educação Jean Piaget – Arcozelo
(Decreto-Lei n.º 468/88, de 16 de Dezembro)

“O que não é porém possível é sequer pensar em transformar o mundo sem sonho, sem utopia ou sem projecto. As puras ilusões são os sonhos falsos de quem, não importa que pleno ou plena de boas intenções, faz a proposta de quimeras que, por isso mesmo, não podem realizar-se. A transformação do mundo necessita tanto do sonho quanto a indispensável autenticidade deste depende da lealdade de quem sonha às condições históricas, materiais, aos níveis de desenvolvimento tecnológico, científico do contexto do sonhador. (...) Sua realização não se verifica facilmente, sem obstáculos. (...) Implica luta.”

Freire, 2000



Introdução	4
O Nosso Projecto	6
1. Enquadramento Teórico.....	7
2. Pertinência do Projecto	10
3. A Importância da Música.....	12
4. Competências	13
5. Metodologia	15
6. Implementação do Projecto.....	19
7. Avaliação	24
Reflexão	25
Conclusão.....	27
Bibliografia	30
Normativos.....	31



Introdução

Não existem dois seres humanos iguais. Embora tenhamos muitas ideias, hábitos e comportamentos que são comuns a todos nós, devido à educação e influências ambientais e culturais em que vamos estando envolvidos no nosso crescimento, teremos sempre algo, inevitavelmente, de único, quer no aspecto físico, mental, psicológico e comportamental que nos diferenciara dos outros, por mais que, à primeira vista, não possa parecer.

Se isto é verdade para as crianças ditas «normais», também o é para aquelas que sofrem de qualquer limitação física e/ou mental, e talvez ainda mais para estas, devido às suas diversas limitações, incapacidades e diferentes situações na vida.

Nas turmas regulares o professor terá sempre que estar atento às diferentes capacidades de cada aluno, porque nem todos desenvolvem ou evoluem ao mesmo ritmo, mas quando se trata do Ensino Especial, ainda é mais complicado e trabalhoso para o professor, saber distinguir e aplicar os métodos aconselháveis e necessários, para que se possa atingir as competências propostas pelo currículo, sempre tendo em atenção dotar estas crianças de uma maior autonomia e capacidade de integração no mundo em que terão de viver, apesar das suas limitações.

Este nosso projecto, surge da necessidade de uma mudança, na organização, orientação e gestão das escolas, visando a construção de uma escola mais humana, criativa e inteligente, com vista ao desenvolvimento integral dos seus alunos, incluindo naturalmente as crianças com necessidades educativas especiais, (NEE), a quem dedicamos este nosso trabalho de projecto.

Neste sentido, tentamos através da criação de uma Oficina de Música exclusiva para crianças NEE, ajudar as mesmas a desenvolver competências específicas, que posteriormente irão com certeza aplicar de forma mais eficaz, na aula de Educação Musical com os restantes elementos da sua turma.

Tivemos como preocupações prioritárias procurar justificar a existência de uma oficina, em termos normativos, e onde fosse dada prioridade às actividades lúdicas tendo por base a Educação Musical, bem com a sua importância no desenvolvimento global da criança. Damos especial atenção à metodologia aplicada, tendo como base a motivação de todos os alunos para a participação integrada no grupo turma, através das actividades desenvolvidas e a forma como as poderíamos adaptar



INSTITUTO PIAGET

Campus Académico de Vila Nova de Gaia
Escola Superior de Educação Jean Piaget – Arcozelo
(Decreto-Lei n.º 468/88, de 16 de Dezembro)

significativamente ao currículo, visando que este grupo específico de alunos consiga desenvolver de forma equitativa as competências específicas da disciplina.



O Nosso Projecto

Projecto: Oficina de Música.

Público-alvo:

Crianças do 2.º ciclo com Necessidades Educativas Especiais

Finalidade:

Promover a real integração e participação dos alunos com NEE na dinâmica das aulas de Educação Musical da turma, atendendo e respeitando a heterogeneidade deste conjunto de alunos.

Objectivos Gerais:

- Desenvolver capacidades ao nível sensorial, da atenção, da percepção, da memória, das emoções, da cognição e da socialização;
- Promover a auto-estima e a motivação para a aprendizagem;
- Fomentar a interacção social;
- Promover a cooperação.



1. Enquadramento Teórico

No último quarto do séc. XX, a escola deparou-se com um aumento da heterogeneidade dos alunos devido à democratização do ensino. Assim, surge o aparecimento do conceito de inclusão onde as escolas devem estar preparadas para dar respostas a esta nova realidade. (Correia, 2005).

O percurso legislativo português em termos de educação inclusiva foi acompanhado de inúmeras alterações políticas e sociais, ocorridas na sociedade portuguesa. Os marcos legislativos que enquadram e regulamentam de modo mais ou menos directo a educação inclusiva, respeitadora das diferenças e promotora de uma real igualdade de oportunidades de acesso à educação e de sucesso pessoal, social e profissional, foram sofrendo mudanças quer nos pressupostos e princípios que lhe são adjacentes, quer nos modelos de atendimento que privilegiaram.

O termo “Ensino Especial” adquire uma nova dimensão na qual se enquadra o aparecimento do conceito NEE, ou seja,

“(...) mudanças de concepção no “ensino” nas quais a “escola da discriminação” deu lugar à escola da integração; a escola da homogeneidade deu origem à diversidade” (Bautista, 1997:9).

É um dado adquirido que se operou uma grande transformação conceptual e prática, que deu origem à clarificação de características entre os dois termos: “Ensino Especial” e “Necessidades Educativas Especiais”.

O termo NEE surge no Reino Unido, no relatório Warnock (1978)¹ e vem clarificar a ideia de que se um aluno apresenta dificuldades de aprendizagem isso implica que se proceda a adaptações das condições em que se processa o ensino. Este conceito de NEE faz desviar a atenção da problemática individual, para a disponibilização de um conjunto de recursos que viabilizem o pleno desenvolvimento da criança como um todo.

Desta forma, o relatório Warnock, em termos educacionais traduz-se em: necessidade de meios específicos de acesso ao currículo (por exemplo eliminação de

¹ O Relatório Warnock surgiu do 1º comité do Reino Unido, presidido por Mary Warnock, constituído para rever o atendimento aos deficientes. Foi apresentado em 1978 ao Parlamento do Reino Unido, pela Secretaria de Estado para a Educação e Ciência, Secretaria do Estado para a Escócia e a Secretaria do Estado para o País de Gales.



barreiras, etc); necessidade de currículos adaptados; necessidade de ambientes motivadores do ponto de vista social e emocional.

Em Portugal, o conceito de NEE, só foi adaptado no ano de 1986, com a publicação da Lei de Bases do Sistema Educativo n.º 46/86, de 14 de Outubro, que pretendia fazer cumprir o direito à educação adequada às necessidades educativas de cada criança, procurando, desta forma, criar condições para que se pudesse aproveitar de forma plena as suas capacidades.

Após a Declaração de Salamanca de 1994, prevê-se que:

“(...) as crianças e jovens com NEE devem ter acesso às escolas regulares que a elas se devem adequar, através de uma pedagogia centrada na criança, capaz de ir ao encontro destas necessidades; as escolas regulares, seguindo esta orientação inclusiva, constituem os meios mais capazes para combater as atitudes discriminatórias, criando comunidades abertas e solidárias, construindo uma sociedade inclusiva e atingindo a educação para todos...” (Declaração de Salamanca, 1994: 5).

Todas as crianças têm o direito à educação, à igualdade de oportunidades no acesso à escola e às condições necessárias para atingirem o sucesso educativo, ainda que relativo, independentemente das suas características físicas ou mentais. Assim sendo, a Educação é um direito de todos e não o privilégio só de alguns. Neste contexto a escola assume também outras tarefas não menos importantes do que ensinar, tais como a de amenizar desigualdades e promover a socialização, principalmente no caso dos alunos com NEE que até então estavam naturalmente excluídos do sistema de ensino.

A Educação Especial tem vindo a ganhar um espaço preponderante na sociedade, notando-se actualmente um maior interesse por parte de todos os intervenientes na educação das crianças com NEE, nomeadamente professores, pais, alunos e comunidade envolvente.

Cada vez mais tende-se a olhar para as crianças com NEE como alguém capaz, alguém que, se tiver as oportunidades, pode ser útil à sociedade para a qual todos trabalhamos. Neste sentido, cresce a importância de tornar estes alunos em seres independentes e autónomos, no sentido de melhorar a sua qualidade de vida e bem-estar físico, psíquico e social.



A escola deve ser uma entidade autónoma com responsabilidade de gerir e propiciar uma organização interna capaz de acolher a diversidade, bem como de ter à disposição equipamento de apoio apropriado ao tipo de aluno e condições de acessibilidade.

“As escolas devem incluir nos seus projectos educativos as adequações relativas ao processo de ensino e de aprendizagem, de carácter organizativo e de funcionamento, necessárias para responder adequadamente às necessidades educativas especiais de carácter permanente das crianças e jovens, com vista a assegurar a sua maior participação nas actividades de cada grupo ou turma e da comunidade escolar em geral.” (Decreto-Lei 3/2008 de 7 Janeiro, Art. 4.º, Ponto 1)

Toda a integração deve partir de um estudo das características e necessidades das crianças, para a elaboração de um plano de intervenção adequado com recursos que permitam a sua implementação e seguimento.



2. Pertinência do Projecto

A actividade musical assume um papel de extrema importância pois apela à expressão, à emoção e conseqüentemente promove o desenvolvimento criativo. Uma das intervenções necessárias a realizar-se na criança com NEE é proporcionar-lhe vivências com o meio envolvente e a música,

“...dar-lhe a oportunidade de ouvir e explorar diferentes sons, cantar, dançar, tocar para que se situe e participe no mundo que a rodeia.” (Pocinho, 1999:112)

A actividade musical apela à aprendizagem de se saber ouvir e escutar e estes hábitos são cruciais para o desenvolvimento da memória. Proporciona ainda, a discriminação de sons, palavras, melodias e ritmos. Por seu turno, a música quando é ouvida ou praticada em conjunto faz com que as crianças aprendam a socializar-se umas com as outras.

Sousa (2003) alerta para a importância da prática de uma educação pela música, uma vez que o objectivo, não é centrar-se na aquisição de conhecimentos musicais mas, no desenvolvimento das suas capacidades ao nível sensorial, da atenção, da percepção, da memória, das emoções, da cognição e da socialização. É, através de jogos musicais que todas estas competências se podem desenvolver.

Esta ideia é reforçada pelo pedagogo Raymond Schafer quando refere que se deve utilizar o ensino da música

“...para desenvolver capacidades perceptivas e cognitivas, expressivas e criativas, promover a sociabilidade e a cooperação...” (Sousa, 2003:120).

Todos os anos encontramos nas nossas turmas regulares alunos com NEE que frequentam as aulas de Educação Musical mas que muitas vezes não conseguem participar activamente nas actividades da aula, devido às dificuldades inerentes à sua condição. E todos os anos, nós sentimos a frustração, por não podermos integrar efectivamente estes alunos e potenciarmos as suas capacidades de modo a promover a aquisição de novas competências e melhorar a auto-estima destes alunos, elementos essenciais para o seu desenvolvimento.



Entendemos que as crianças com NEE podem obter enormes benefícios com a frequência de uma Oficina Musical, orientada para o desenvolvimento holístico destes alunos, no respeito pelo seu direito à educação e sucesso educativo, em que as dificuldades apresentadas por cada criança possam ser trabalhadas, funcionando como

“c) a antecipação e reforço da aprendizagem de conteúdos leccionados no seio do grupo ou da turma;” (Decreto-Lei 3/2008, Artigo 17.º)

de modo a possibilitar uma real integração destes alunos nas actividades da sala de aula.

O Decreto-Lei nº3/2008 de 7 de Janeiro preconiza:

“...uma política global integrada, que permita responder à diversidade de características e necessidades de todos os alunos que implicam a inclusão das crianças e jovens com necessidades educativas especiais no quadro de uma política de qualidade orientada para o sucesso educativo de todos os alunos”.

“No quadro da equidade educativa, o sistema e as práticas educativas devem assegurar a gestão da diversidade da qual decorrem diferentes tipos de estratégias que permitam responder às necessidades educativas dos alunos. Deste modo, a escola inclusiva pressupõe individualização e personalização das estratégias educativas, enquanto método de prossecução do objectivo de promover competências universais que permitam a autonomia e o acesso à condução plena da cidadania por parte de todos.”



3. A Importância da Música

“A Música e o som, enquanto energia, estimulam o movimento interno e externo no homem; impulsionam-no à acção e promovem nele uma multiplicidade de condutas de diferente qualidade e grau.” (Gainza,1981)

A música, esse emaranhado maravilhoso de sons que nos rodeia, influência desde muito cedo a nossa vida. Todas as crianças são sensíveis aos sons, que desde cedo exploram nos diferentes contextos em que se encontram. A descoberta de ruídos e sons é uma das actividades que melhor proporciona o desenvolvimento das capacidades de percepção auditiva, como refere Sousa (2003).

Para além do desenvolvimento destas capacidades, importa valorizar as implicações que a prática musical tem no amadurecimento afectivo e social, contribuindo para o desenvolvimento a nível cognitivo.

Como é referido por Ongaro e Silva (2006:2),

“A criança precisa ser sensibilizada para o mundo dos sons, pois, é pelo órgão da audição que ela possui o contacto com os fenómenos sonoros e com o som. Quanto maior for a sensibilidade da criança para o som, mais ela descobrirá as suas qualidades.”

A música contribui para um equilíbrio físico e emocional, pelo que tem uma maior importância para as crianças com NEE. As diversas actividades propostas devem ser encaradas, como um acto de aprender numa atitude de prazer presente no nosso quotidiano, pelo que é imprescindível que estas crianças as possam realizar.



4. Competências

A música é um elemento importante na construção do saber do indivíduo.

As competências artístico-musicais desenvolvem-se através de processos diversificados de apropriação de sentidos, de técnicas, de experiências de reprodução, criação e de reflexão atendendo aos diferentes contextos sociais e culturais e aos níveis de desenvolvimento individual do aluno.

Estas competências consolidam-se através de experiências pedagógicas e musicais diversificadas, de acordo com as vivências artísticas e estéticas de diferentes épocas e culturas musicais.

As competências específicas para a música têm como centro a criança, o pensamento, a sociedade e a cultura em interdependência, e como construção social e cultural, a música pode contribuir para a consolidação das competências gerais que o aluno deverá evidenciar no final do ensino básico.

As competências específicas a desenvolver na disciplina de Educação Musical apresentam-se em torno de quatro organizadores:

Interpretação e Comunicação:

- Preparação de peças musicais diferenciadas
- Execução individual ou em grupo pequenas sequências rítmicas e melódicas
- Utilização de diferentes instrumentos musicais;
- Utilização de timbres corporais
- Partilha as músicas do seu quotidiano

Criação e Experimentação:

- Reprodução de pequenas sequências rítmicas e melódicas
- Exploração de diferentes técnicas instrumentais e vocais
- Improvisação de pequenas sequências rítmicas e melódicas
- Apresentação das suas composições e improvisações
- Criação de pequenas coreografias



Percepção Sonora e Musical: Aprender a Ouvir:

- Identificação das qualidades dos sons
- Reconhecimento das qualidades dos sons
- Utilização de terminologia e o vocabulário adequado
- Identificação, visual e auditiva dos instrumentos

Culturas Musicais nos Contextos:

- Identificação de diversos estilos musicais
- Comparação de estilos musicais

No entanto, é essencial garantir que a construção de qualquer competência deve basear-se em actividades provenientes de três grandes domínios da prática musical, a saber: Composição, Audição e Interpretação. São estes domínios que tornam efectivos a apropriação de conceitos, vocabulário e terminologias musicais, bem como o desenvolvimento de práticas vocais e instrumentais.



5. Metodologia

A música contribui para um equilíbrio físico e emocional, pelo que tem uma maior importância para as crianças com Necessidades Educativas Especiais. As diversas actividades propostas, devem ser encaradas como um acto de aprender numa atitude de prazer presente no nosso quotidiano, pelo que é imprescindível que estas crianças as possam realizar.

Martins (1987) faz referência ao jogo, afirmando que os psicólogos são unânimes em afirmar que é no jogo que a criança se exprime mais livremente, uma vez que a ludicidade é própria do período de desenvolvimento da criança e activa o desdobramento embriológico dos processos corporais, mentais e artísticos. Refere várias personalidades e as suas opiniões relativamente ao jogo. Para Kurt Sach o jogo é considerado como a primeira forma de expressão da humanidade. Alain diz que o jogo é a primeira das artes, uma vez que a dança primitiva constituía antes de mais um jogo simbólico. Schiller vê no jogo a origem de todas as artes e de todas as actividades humanas. Chateau encontra no jogo uma afirmação do “eu” como personalidade e como originalidade. Piaget afirma que é no jogo simbólico que se manifestam os conflitos afectivos e relacionais da criança. Read considera o jogo como uma forma de arte e Lowenfeld considera a arte como uma forma de jogo.

Pelo seu carácter lúdico, o jogo é muito apreciado pelos alunos NEE e tem um inquestionável valor educativo, pois permite-lhes uma entrega espontânea à aprendizagem, funcionando naturalmente como uma estratégia privilegiada a nível de motivação, constituindo um óptimo meio de as conduzir a uma educação holística e artística solidamente alicerçada.

O ambiente descontraído que o jogo proporciona favorece a expressão e a comunicação, ao mesmo tempo que permite reforçar os hábitos adquiridos e assimilar a realidade. Escolhemos neste projecto dar uma particular atenção à metodologia do jogo uma vez que é um elemento lúdico muito importante para as crianças, dando-lhes uma oportunidade efectiva de se entregarem de forma espontânea à aprendizagem, funcionando naturalmente como uma estratégia privilegiada a nível de motivação.

*«Podemos considerar o jogo como a principal “ferramenta”
educacional. De facto, ao proceder-se a investigações científicas
(Axline 1950; Fleming, 1974; Snyder, 1989) a fim de se analisar*



comparativamente diferentes técnicas de educação (explicação exemplificação, exercícios, áudio - visuais, etc.) encontrou-se na actividade lúdica da criança, o mais forte meio de processar a educação (no sentido do desenvolvimento da personalidade)».
(Sousa, 2003:149)

O jogo é também uma forma de estimular a criatividade.

“...Todo o mundo, em maior ou menor grau, é considerado criativo, e pode expressar-se de maneiras diferentes de acordo com os interesses individuais.” Hargreaves (1998:162)

O jogo é uma possibilidade de aceitar o erro com naturalidade e ao mesmo tempo incentivar à persistência na execução, para obter o objectivo pretendido.

Existem muitos tipos de jogos, e cada um deles poderá ter uma finalidade diferente e específica. Neste tipo de projecto é importante abarcar todas as situações e incluir estrategicamente a Música em todos eles, recorrendo especificamente ao instrumental Orff e a várias obras gravadas, uma vez que esta forma de Arte exige às crianças um esforço duplo, obrigando-as a adaptarem-se ao espaço e ao tempo imposto pelo ritmo.

Trias, Pérez e Fidellia (2002) citam a autora Juliette Alvin, uma pioneira em musicoterapia, que afirmava

«a música tem o poder de afectar o ânimo, porque contém elementos sugestivos, persuasivos e também compulsivos» e que «o ritmo relaciona-se simbolicamente com a vontade e o automatismo. Actua como uma ordem fisicamente forte e tem um efeito vigorizante sobre o ouvinte e o executante».

Os jogos musicais permitem à criança conhecer-se melhor, desenvolvendo a sua noção de esquema corporal, contribuem para o desenvolvimento cognitivo/linguístico uma vez que a experimentação musical no quotidiano, vendo, ouvindo, tocando, proporciona estímulos que favorecem o desenvolvimento dos sentidos.



Tipo de jogos a explorar neste projecto:

1. Jogos de reacção, que provocam respostas rápidas perante acções combinadas previamente no momento em que a criança identifica o sinal de acção;
2. Jogo individual, que permite à criança desenvolver a sua personalidade através do próprio jogo, uma vez que estabelece um vínculo entre a realidade interna e externa;
3. Jogos colectivos, que favorecem a comunicação entre as crianças e permitem iniciar relações emocionais importantes para o desenvolvimento das relações sociais.

Todos os jogos que propomos fazem referência a vários aspectos (rítmico, melódico, auditivo, criativo...) da Música, que pode resultar mais apropriada ao desenrolar de cada jogo, onde em alguns casos é importante utilizar determinada peça ou obra musical (conforme os conteúdos a trabalhar), e noutros tem apenas que ser agradável e conhecida das crianças, acompanhando a actividade como música de fundo. Outra preocupação é a introdução de instrumentos musicais para que as crianças se possam ir familiarizando com os vários timbres e com o seu próprio corpo.

Voz, corpo e instrumentos são outros recursos a desenvolver através de jogos de exploração. Estes devem partir das vivências sonoro – musicais visando o seu domínio, com forte acentuação em actividades lúdicas, de forma a evitar situações de puro exercício que afastam as crianças.

O desenvolvimento da musicalidade é um processo gradual, dependente do domínio de capacidades instrumentais, da linguagem adequada, do gosto pela exploração, da capacidade de escutar.

Há que entender a singularidade musical de cada criança, dando-lhe oportunidade de desenvolver, à sua maneira as propostas e projectos próprios e do professor.

Recorremos também à obra didáctica de Carl Orff que corresponde ainda hoje, a um dos métodos pedagógicos mais divulgados em todo o Mundo. Foi com ele que a disciplina de Educação Musical teve um grande desenvolvimento. Privilegiou a utilização de instrumentos de fácil manipulação, de timbres claros e atractivos. Foi o criador dos instrumentos que actualmente fazem parte das nossas salas de aula, impulsionando o seu uso no ensino da educação musical.



Carl Orff tentou aproximar o seu método de educação musical à Natureza e ao corpo humano. Estabelece no entanto um novo rumo pedagógico ao dar maior importância à relação palavra, música e movimento.

Influenciado por instrumentos populares do seu país e de outras culturas, Orff, criou para as escolas um conjunto de instrumentos de percussão cujos movimentos de execução são semelhantes aos que produzem os ritmos corporais e que são próprios para serem utilizados por crianças. O seu método de ensino da música leva as crianças a expressarem a sua criatividade através desses instrumentos de percussão, inicialmente produzindo ruídos muito simples e depois explosões que se tornam cada vez mais elaboradas. Este jogo rítmico, desenvolvido de forma repetitiva através da exploração das possibilidades sonoras do próprio corpo, conduz rapidamente à associação de gestos e ritmos simples que mais tarde serão agrupados antes que as crianças tenham a noção de como ler ou escrever música. Denota-se uma valorização do ritmo em detrimento da harmonia.

De referir ainda que Carl Orff também criou o chamado "Método Orff". A base deste método é a interligação existente entre a palavra, a música e o movimento, uma vez que a linguagem, o som e o movimento se praticam através do ritmo, da melodia, da harmonia e do timbre. A improvisação e a criatividade musical têm uma especial relevância. O objectivo de Orff era encaminhar todos para a música, não somente à sua aprendizagem, mas também levar a fazer música directamente.

Mejia (2002:206) refere que:

“Uma das principais inovações da prática educativa de Orff consiste em considerar o corpo como um instrumento musical, dotado de características tímbricas diversas”.

É essencialmente por concordarmos com a sua pedagogia, que procuramos jogos em que, na sua maioria, se faz a utilização do corpo e dos instrumentos de percussão.

Segundo Amado (1999), Orff defendia que os primeiros contactos com a música instrumental se deviam fazer cedo, devendo a sua aprendizagem ser fácil e imediata, recorrendo à utilização da escala pentatónica, que devido à sua simplicidade harmónica permite que facilmente as crianças executem melodias com acompanhamento e improvisações colectivas.



6. Implementação do Projecto

Propomos que o projecto seja implementado ao longo do ano lectivo, em aulas semanais de 45 minutos, com grupos de 6 crianças, e onde teriam contacto com todos os géneros de Música, desde a erudita, à mais moderna, da tradicional portuguesa às músicas do Mundo, numa tentativa constante de prender a atenção dos alunos, factor este a privilegiar, uma vez que o tempo de concentração destas crianças é normalmente limitado.

Outra preocupação será a de desenvolver actividades musicais que permitam incluir o aluno num grupo, de forma agradável, natural e lúdica. Desta forma, cada criança conseguirá sentir-se como um indivíduo dentro de um grupo, ou seja, incluído socialmente.

Partindo do princípio que se pretende que este projecto seja para aplicar no 2º ciclo do ensino básico, e que estes alunos terão que atingir as mesmas competências dos outros alunos, procuramos privilegiar igualmente na sua formação, cinco áreas diversificadas da Educação Musical, nomeadamente:

- a *Educação auditiva*, tornando-se o ponto de partida de toda a Educação Musical, uma vez que o desenvolvimento do ouvido é fundamental na vida da criança, visto que aprender a escutar, dar nome ao que se ouve, relacionar e organizar sons e experiências realizadas, são capacidades essenciais à formação musical da criança, trazendo-lhe assim novos pensamentos e vivências que lhe permitirão reconhecer os sons que a rodeiam;
- a *Linguagem musical*, uma vez que permitirá uma aproximação a ritmos e melodias de complexidade crescentes, conforme vão avançando nos diferentes níveis e que será consolidada através da prática da interpretação e improvisação de ritmos e melodias, audições e alguma prática da leitura e escrita de partituras;
- a *Audição*, além de discriminar e identificar sons, também desperta tudo o que respeita ao âmbito dos sentimentos e das emoções, e é através da audição que a criança aprende a identificar o ritmo, a melodia, a harmonia, os silêncios, o timbre e a forma de uma peça musical, além de que, com a repetição da mesma, poderão aprender e apreciar estes elementos, assim como a qualidade da obra;



INSTITUTO PIAGET

Campus Académico de Vila Nova de Gaia
Escola Superior de Educação Jean Piaget – Arcozelo
(Decreto-Lei n.º 468/88, de 16 de Dezembro)

- a *Dança*, partindo do seu corpo como instrumento que utiliza para se movimentar, exteriorizando assim o seu ritmo, imaginação e sensibilidade, podendo trabalhar a partir de um repertório de canções simples, que poderão ser acompanhadas com gestos e exercícios físicos coordenados que permitem a livre improvisação da criança;
- a *Canção e a Voz*, permite trabalhar a boa postura corporal e ir consolidando a aprendizagem de diversos aspectos da linguagem musical, sentindo-se desta forma um participante directo desta aprendizagem.



Org.	Conteúdos	Competências	Estratégias/Activid.	Recursos
Interpretação e Comunicação	<p>Timbre: Famílias de Timbres, Instrumentos da Sala de Aula, Instrumentos Orff, semelhança e contraste tímbrico, realce e harmonia timbrica</p> <p>Ritmo: Pulsação, andamento, variações de andamento, figuras rítmicas, compasso simples e compostos, divisão binária e ternária, Ostinatos, monorritmia e polirritmia</p> <p>Altura: Agudo, médio e Grave, Movimentos sonoros; Entoação/Audição/Execução de canções.</p> <p>Dinâmica: Intensidade, variações de intensidade, sinais de dinâmica</p> <p>Forma: Binária; Ternária; Rondó; Cànone</p>	<ul style="list-style-type: none">• Identifica diferentes tipos de timbres• Sente a pulsação• Sente o 1º tempo de um compasso• Executa vários esquemas rítmicos e melódicos com instrumentos de altura definida e indefinida, (ostinatos) para acompanhamento de canções.• Executa esquemas rítmicos simples em polirritmia• Toca/Canta em grupo, peças de diferentes géneros e estilos• Identifica variações de intensidade e dinâmica• Executa variações de intensidade e dinâmica	<ul style="list-style-type: none">• Jogo: “Qual o instrumento que falta?”• Jogo: “O guarda-nocturno”• Jogo: “Jogo das famílias instrumentais”• Jogo: “Batamos com as mãos”• Marca a pulsação em músicas variadas, com movimento corporal, com batimento em instrumentos diversificados e em níveis corporais.• Marca o 1º tempo dos diferentes compassos em músicas diversas, com batimento em instrumentos e em níveis corporais.• Jogo:” A Valsa”• Jogo: “Quem tem ouvido”• Jogo: “Jogo das famílias rítmicas”• Jogo: “Jogo de memória auditiva”• Executa pequenos ostinatos rítmicos e melódicos em instrumentos e com batimentos corporais• Jogo: ”Discussão musical”• Executa ritmos simples em polirritmia, com instrumentos e timbres corporais• Jogo:”Girar, andar e saltar”• Canta pequenas melodias• Jogo: ”Procurem o erro”• Jogo: “Reconheçamos a canção”• Jogo: “Quem tem a voz mais forte?”• Jogo:”Jogo de Palavras”	<p>Instrumentos de altura definida e indefinida; Leitor de CDs; CDs de música diversificada</p>



Criação e Experimentação	<p>Timbre: níveis corporais, selecção tímbrica</p> <p>Ritmo: Semínima, colcheia, mínima, semibreve, semicolcheia e pausas de semínima, mínima e semibreve</p> <p>Altura: escala pentatónica</p> <p>Expressão corporal: inclusão no grupo, auto-estima através do movimento</p>	<ul style="list-style-type: none">• Improvisa ritmos com utilização de níveis corporais• Improvisa ritmos e melodias• Apresenta as suas composições/improvisações.• Improvisa coreografias simples• Expressa sentimentos, inclui-se no grupo, melhora a auto-estima	<ul style="list-style-type: none">• Improvisa pequenos ritmos, com um ou mais níveis corporais• Jogo: "A mesa"• Jogo: "Vamos compor ritmos"• Jogo: "O jogo do nome"• Jogo: "Jogo do ritmo"• Jogo: "A cadeia musical"• Jogo: "O quadro sonoro"• Jogo: "O xilofone humano"• Jogo: "Stop"• Ouve extractos musicais e cria movimentos livres• Jogo: "Espelho e som"• Jogo: "Sequências Corporais"	Instrumentos de altura definida e indefinida; Leitor de CDs; CDs de música diversificada
Percepção Sonora e Musical	<p>Timbre: Instrumentos da orquestra</p> <p>Forma: Binária; Ternária; Rondó; Cànone</p>	<ul style="list-style-type: none">• Identifica auditivamente diferentes tipos de instrumentos, enquadrando-os nas respectivas famílias• Desenvolve a audição• Reconhece formas musicais	<ul style="list-style-type: none">• Jogo da Família dos Instrumentos• Jogo: " Quem dirige a Orquestra?"• Jogo: "Instrumento fantasma"• Jogo: "Ouvido alerta"• Jogo: "Ascendente/Descendente"• Jogo: "Latinhas Musicais"• Jogo: "Ouçamos os Sinos"• Jogos de escuta/audição musical• Jogos de reconhecimento visual e auditivo de várias canções ou extractos musicais com diferentes formas.	Leitor de CDs; CDs de música diversificada



Culturas Musicais nos Contextos	A música: relação entre a música e contextos sociais, épocas históricas Estilos e géneros musicais Música tradicional Portuguesa Músicas do Mundo Música Erudita Música da “actualidade”	<ul style="list-style-type: none">• Vivencia diferentes tipos de música• Reconhece os diferentes tipos de funções que a música desempenha nas comunidades• Executa coreografias de danças Portuguesas	<ul style="list-style-type: none">• Jogos de identificação de diversos estilos musicais• Jogos de comparação de diversos estilos musicais• Jogo: “Reconstituamos a canção”• Jogo:” A Valsa”• Jogo:” Rock and Roll”• Jogo:”Hip-Hop”	Leitor de CDs; CDs de música diversificada
--	--	---	---	--

A planificação apresentada insere-se no âmbito de uma planificação a longo prazo. Utiliza os conteúdos básicos geradores de toda a acção do ensino/aprendizagem para os alunos do 2º ciclo. As competências a desenvolver pelos alunos estão de acordo com o currículo nacional, embora o seu grau de exigência esteja adequado às capacidades destes alunos. A estratégia a utilizar é basicamente o recurso ao jogo. Importa salientar que cada aluno apresenta características e dificuldades individuais, pelo que mais do que atingir esta ou aquela competência, interessa analisar e avaliar a evolução no percurso feito por cada um deles.

Nunca será demais referir que esteve sempre presente nas nossas mentes o cuidado de se adequar todas as actividades propostas na nossa Macro – planificação, às várias limitações do nosso público-alvo, os alunos NEE.



7. Avaliação

A avaliação faz parte do processo de ensino e aprendizagem e deve permitir a tomada de consciência da evolução dos alunos e das mudanças que se produzem, convertendo-se num exercício permanente de reflexão. Deve ser global e alargada, tendo em consideração todos os elementos que incidem no processo de ensino e aprendizagem; flexível, adaptando-se aos diferentes aspectos a avaliar, sendo ao mesmo tempo diversa no que diz respeito à utilização de diferentes técnicas ou instrumentos de avaliação e acima de tudo contínua, referindo-se a todo o processo de ensino e aprendizagem.

“A avaliação permite documentar as mudanças que se produzem como resultado do processo educativo, assim como obter dados que comprovem a efectividade das actividades realizadas” Sabbatella (2008:55)

A avaliação obedece a critérios e procedimentos flexíveis que cabe ao professor determinar. As actividades musicais individuais ou de grupo constituem o meio através do qual o professor obtém a informação necessária para a valorização do processo de aprendizagem dos alunos. A observação é um dos melhores instrumentos de avaliação.

Na avaliação há sempre duas perspectivas em relação, uma de carácter objectivo, centrada no produto musical e outra que releva a importância para o processo, relacionado com os aspectos qualitativos decorrentes da avaliação, vinculados ao desenvolvimento de atitudes nos alunos.



Reflexão

Para nos considerarmos profissionais na acepção específica do termo precisamos de uma maior autonomia, sobre as decisões inerentes à função de ensinar e demarcarmo-nos do funcionalismo para que somos por vezes remetidos pela pressão das administrações e dos poderes económicos.

O que caracteriza a nossa profissão é a natureza da função que desempenhamos e a especificidade do nosso saber.

A função de um profissional do ensino, é diferente da função de ensinar que socialmente é aceite, quando se permite que outros sem formação específica a desempenhem.

“Fazer aprender pressupõe a consciência de que a aprendizagem ocorre no outro e só é significativa se ele se apropriar dela activamente.” Roldão (2010:47)

O conhecimento profissional resultante da prática de ensinar implica várias formas teórico-científicas (o que ensinar), científico-didácticas (como ensinar) e pedagógicas (a quem e de acordo com que finalidade, condições e recursos), num contexto específico (como ensinar aqui e agora).

Existem várias teorias sobre a natureza do conhecimento profissional docente, identificando-se segundo Montero (2005) duas linhas dominantes: a que se aproxima dos estudos de Lee Shulman (1986, 1987) e Shulman e Shulman (2004), em que se analisam os componentes envolvidos no conhecimento global docente (do conhecimento do currículo ao conhecimento dos alunos, do conhecimento científico ao conhecimento didáctico, do conhecimento didáctico do conteúdo e ao conhecimento científico pedagógico), e uma outra linha, a de Freema Elbaz (1983) e Conellye Claudinin (1984), desenvolvida a partir dos anos oitenta do século XX, sobretudo, sob a forte influência de Donald Schon e da sua epistemologia da prática (1983, 1987), que se centra na construção do conhecimento profissional enquanto processo de elaboração reflexiva a partir da prática do profissional em acção.

O conhecimento profissional ou melhor chamando, o saber educativo, é o que caracteriza a função profissional docente e requer uma integração adequada de um leque diversificado de saberes, relativos aos conteúdos escolares, científicos,



metodológicos, práticos resultantes do domínio de técnicas e rotinas, que devem ser mobilizados em torno de cada situação educativa concreta, objectivando sempre a aprendizagem do aluno.

Segundo Roldão (2006a) o que há de específico e distintivo no conhecimento profissional docente é: a sua natureza compósita, em que há uma mútua incorporação dos diversos conhecimentos; a capacidade analítica, em que sobre um saber técnico há capacidade de improvisar; a natureza mobilizadora e interrogativa através de uma prática reflexiva acerca da acção prática e do conhecimento adquirido ou da experiência; a meta-análise através de uma postura de distanciamento e autocrítica e a comunicabilidade e circulação que implica um saber articulado e organizado numa comunidade de pares.

Ser um profissional docente é ser especialista na complexa capacidade de mediar e transformar o saber do conteúdo curricular através de um processo mediado por um sólido *saber científico* em todos os campos envolvidos e um *domínio técnico–didáctico* rigoroso, em que o professor reflecte sobre a sua acção, discute com os seus pares e supervisores, ajustando o conhecimento do aluno e do seu contexto, de modo a que a aprendizagem aconteça. Segundo Roldão,

“Saber produzir essa mediação não é um dom, embora alguns o tenham; não é uma técnica, embora requeira uma excelente operacionalização técnico-estratégica; não é uma vocação, embora alguns a possam sentir. É ser um profissional de ensino, legitimado por um conhecimento específico exigente e complexo”



Conclusão

Longe vai o tempo, felizmente na nossa opinião, que o ensino se fundamentava na concepção de que a aprendizagem podia ser dividida em competências específicas e discretas e em factos que podem ser adquiridos, pouco a pouco de uma forma ordenada. Há, cada vez mais, a percepção que os estudantes constroem o seu entendimento, tendo como bases novas experiências, sendo-lhes desta forma proporcionado alargar o seu conhecimento actual.

Este tipo de ensino reconhece muitos géneros de conhecimento, inteligências e estilos de aprendizagem; o conhecimento prévio, é visto como um ponto de partida crítico para a aquisição de novos conhecimentos; é prestada atenção à natureza social e emocional da aprendizagem; verifica-se uma relação estreita entre a aprendizagem e a vida real, dando um papel genuíno para os estudantes na sua própria aprendizagem.

A aprendizagem está relacionada com a motivação, a qual pode e deve ser catalisada pelos professores. Cabe ao professor, criar situações que levam a criança a querer aprender, incentivar e fazer com que a motivação não diminua. O aluno está motivado, quando sente uma necessidade que o leva a interessar-se por algo e com propósito de alcançá-lo, a fim de obter auto-satisfação. Logo, toda a motivação deve basear-se nas necessidades do aluno. À medida que o indivíduo se desenvolve, mais motivos da aprendizagem se afastam das suas raízes biológicas e passam a preponderar os factores socioculturais na sua vida. Nesta perspectiva, o contacto precoce com as várias formas de Expressão, dando especial atenção à Expressão Musical, são fundamentais para contribuir para a construção de indivíduos bem formados, cívicos e cultos, e com conhecimentos que lhes permitam ter, ao longo da sua vida, um sentido crítico sobre tudo o que os rodeia e serem activos na sua aprendizagem.

Nos alunos com NEE para além dos aspectos mencionados, é ainda mais importante a acção dos professores, uma vez que é imprescindível a sua contribuição para o desenvolvimento pessoal destes alunos nos mais variados aspectos, de entre os quais se salienta a inclusão efectiva, promotora de uma socialização adequada e desenvolvimento de capacidades que lhes proporcionem uma melhor aprendizagem das competências básicas a nível de aquisição do raciocínio lógico-matemático, da aprendizagem da leitura e da escrita.



Acima de tudo importa referir que é necessário fazer com que, para estes alunos a escola não seja uma “tortura” mas sim um espaço em que eles se sintam bem e felizes. A escola terá que encarar a educação musical para estes alunos como, a par com as outras expressões, seja uma disciplina geradora de sucesso educativo.

A forma como o professor vê o ensino influencia a aprendizagem dos alunos é importantíssima. Cada vez mais os professores preconizam o ensino “ensinar para a compreensão”. Como tal, devem aceitar que os seus alunos são reflexivos e pensadores interessados, capazes de trabalhar activamente e de utilizar as suas inteligências para alargarem e promoverem a sua compreensão. Os professores estão sujeitos, por isso, ao desafio de aprenderem a ensinar de formas que eles próprios não foram ensinados e com os alunos NEE esse desafio será ainda maior, mas com certeza que será também mais gratificante.

Por tudo o que foi dito, verifica-se que os professores ensinam do modo que ensinam, não só devido às competências que foram adquirindo, mas também por causa das estruturas em que trabalham e do tipo de pessoas em que se tornaram, quanto mais especiais, quanto mais investirem em termos da sua própria formação e posteriormente na dos seus alunos «abraçando-os», sem discriminações através da implementação de projectos inovadores, mas sempre com o sentido de melhorar as aprendizagens e promover o sucesso de todos os alunos.

É indispensável a utilização da formação ao longo da vida, para que a mudança do ensino por parte dos professores, principalmente na sua acção com estes alunos, seja uma realidade, que compreendemos, não pode ser drástica nem efectuada num curto espaço de tempo. A mudança será mais eficaz se permitir que os professores se envolvam numa melhoria contínua, e que experimentem novas estratégias de ensino como parte desse envolvimento, auto regulando-se e desafiando-se a si próprio e aos outros.

E porque não fazê-lo em forma de Projectos? Este foi o que nós construímos e dedicamos a todas as crianças ditas diferentes, as crianças com necessidades educativas especiais – NEE e compete-nos a nós também, na apresentação destes pequenos projectos, sensibilizar as hierarquias das nossas escolas, para uma verdadeira qualidade no ensino, promotora de desenvolvimento pessoal e oferta de oportunidades equitativas a todos os alunos.



INSTITUTO PIAGET

Campus Académico de Vila Nova de Gaia
Escola Superior de Educação Jean Piaget – Arcozelo
(Decreto-Lei n.º 468/88, de 16 de Dezembro)

“Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projecto de mundo, devo usar toda a possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas para participar de práticas com ela coerentes” (Freire, 2000:33).



Bibliografia

AMADO, Maria Luísa, "O Prazer de Ouvir Música", Caminho da Educação, Lisboa:1999

CORREIA, Luís de Miranda, "A Escola Contemporânea, os Recursos e a Inclusão de Alunos com Necessidades Educativas Especiais", in SERRA, Helena, AFONSO, Carlos, CUNHA, Isabel et al (orgs.) (2005), Encontro Internacional Educação Especial – Diferenciação: Do conceito à prática, Porto, FEEI, p. 87-107.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Indignação*. UNESP: São Paulo, 2000.

GAINZA, Violeta Hemsy, "Estudos de Psicopedagogia Musical", Sumus Editorial, Ltda, São Paulo, 1982.

MEJIA. Pilar Pascual, "Didáctica de la Música para Primaria", Pearson Educación, Madrid, 2002

ONGARO, C. F., & SILVA, C. S. "Importância da música na aprendizagem", São Paulo, UNIMEO/CTESOP:2006

POCINHO, Margarida Dias (1999), *A música na relação Mãe-Bebé*, Lisboa, Instituto Piaget

ROLDÃO, M C – Saber (e) Educar, Porto: ESSE de Paula Frassinetti, n.º 13, 2008, Pag 171-184

SABBATELLA, Patrícia L. – *A Inclusão de Alunos com Necessidades Educativas Especiais na Aula de Educação Musical: Um Diálogo entre a Musicoterapia Educativa e a Educação Musical*, in Revista de Educação Musical, n.º 130, 2008, pp. 48-56

SOUSA, Alberto B. – Educação pelas Artes e Artes na Educação – 3.º Volume, Instituto Piaget, Lisboa 2003

TRIAS, Núria; PÉREZ, Susana; FIDELLA, Luís - Jogos de Música e de Expressão Corporal, Âncora editora, Lisboa 2002



INSTITUTO PIAGET
Campus Académico de Vila Nova de Gaia
Escola Superior de Educação Jean Piaget – Arcozelo
(Decreto-Lei n.º 468/88, de 16 de Dezembro)

Normativos

Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais

Decreto-Lei 3/2008 de 7 de Janeiro

Lei de Bases do Sistema Educativo n.º 46/86, de 14 de Outubro

UNESCO (1994), Declaração de Salamanca e Enquadramento da Acção na área das Necessidades Educativas Especiais, Salamanca, UNESCO e Ministério da Educação e Ciência de Espanha.